

EDUCAÇÃO E GÊNERO: AS REPRESENTAÇÕES SOBRE A MULHER NA EJA NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Maria das Dores Rodrigues dos Santos¹; Maria Kellynia Farias Alves²; Enedina Soares da Silva³; Karla Suleny Bessa da Silva Alves⁴

¹Mestra em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife, Pernambuco, Brasil

mariasindsepcaucaia@gmail.com

²Professora Doutora da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil,

kellynia.alves@uece.br

³Doutoranda em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife, Pernambuco, Brasil

enedinafetamce@gmail.com

⁴Doutoranda em Ciências da Linguagem, Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Recife, Pernambuco, Brasil

karlabess@gmail.com

Introdução

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é um direito constitucional previsto no Art. 208, conquistado através de lutas históricas que assegura sua oferta gratuita a todas as pessoas que não tiveram o acesso à escola na idade esperada. Segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2024), o Brasil tem cerca de 9 milhões de pessoas não-alfabetizadas e, aproximadamente, 29% da população, entre 15 e 29 anos, não concluiu o Ensino Fundamental. Destacamos a crescente presença das mulheres na EJA, que se mantém sendo mais da metade do alunado matriculado desde 2012. Segundo o Censo Escolar (2023), “[...] meninas e mulheres representam 49,4% (23,4 milhões) das matrículas de educação básica no Brasil[...]” Já na educação de jovens e adultos (EJA), elas correspondem a 51,9% (1,3 milhões) do total” (Brasil, 2023).

É necessária a compreensão dessas relações desde um olhar crítico do gênero, bem como conhecer e intervir nas questões que tentam condicionar nossas vidas, especialmente se consideramos que na formação inicial docente, há pouca visibilidade para a EJA e o avanço das violências de gênero nos diferentes espaços. Este trabalho, como recorte de uma pesquisa de mestrado, visa refletir sobre a construção da representação imaginário da mulher relacionada a trajetória social, histórica e política da EJA no Brasil, na perspectiva na Análise do Discurso.

Metodologia

No que tange à educação, a violação desse direito é uma constante na vida de muitas mulheres. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

(INEP) de 2019 revelam que o número de matrículas de mulheres na Educação Básica corresponde a 49,23% do total, enquanto o número de matrículas de homens é de 50,77%. Essa realidade nos permite melhor compreender a persistência de uma estrutura social patriarcal, onde as mulheres são submetidas a uma sobrecarga de trabalho tanto dentro quanto fora de casa, dificultando o acesso a direitos fundamentais, como a educação.

A análise do discurso nas representações de mulheres estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos leva à imersão nas complexidades da identidade feminina dentro de um contexto educacional específico e muitas vezes marginalizado, visto que a EJA é um espaço onde muitas mulheres retornam aos estudos após interrupções causadas por diversas razões, como responsabilidades familiares, trabalho e desigualdades de gênero.

As formas que a relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência toma não são homogêneas precisamente porque tais “condições reais de existência” são “distribuídas” pelas relações de produção econômica, com diferentes tipos de contradições políticas e ideológicas resultantes dessas relações (Pêcheux, 1977, p. 78).

Assim, a análise do discurso permite que suas vozes sejam ouvidas, revelando suas experiências, desafios e aspirações. Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, realizada através de levantamento bibliográfico, sobre as representações de da representação da mulher e sua relação com a EJA, na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa.

Resultados e Discussões

Existe uma vasta historiografia sobre a Educação de Jovens e Adultos que de muitas maneiras buscam dar conta de seu percurso na história educacional do país, das tensões político-pedagógicas que envolvem essa modalidade e de como está relacionada aos contextos e sujeitos aos quais se encontra. Como coloca Friedrich et al. (2010, p. 392) a EJA “compreende um conjunto muito diverso de processos e práticas formais e informais relacionadas à aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos, de competências técnicas e profissionais ou de habilidades socioculturais”.

Apesar das transformações sociais ocorridas ao longo do último século, que impulsionaram a participação das mulheres no mercado de trabalho, o aumento da escolarização, a redução da fecundidade e o maior acesso à informação, as mulheres ainda enfrentam uma realidade de desigualdade de direitos em relação aos homens. Essa desigualdade se materializa, por exemplo, na disparidade salarial, onde mulheres frequentemente recebem

remuneração inferior mesmo desempenhando as mesmas funções que os homens, e na sobrecarga de trabalho doméstico e de cuidado com pessoas, atividades que recaem desproporcionalmente sobre as mulheres. Esse conceito surgiu como uma ferramenta teórica de entendimento da construção social e histórica. Assim, Louro (1997, p. 25) indica: “Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim, tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos”.

Para Joana Célia Passos (2011; 2015), é preciso aprofundar a discussão sobre o analfabetismo sob a ótica das relações étnico-raciais e das desigualdades sociais. Ela concorda com a perspectiva de que o analfabetismo foi historicamente tratado como uma "chaga" social, mas enfatiza como essa visão impacta desproporcionalmente a população negra, tornando-se mais uma faceta das desigualdades raciais no acesso à educação.

Concordamos e percebemos aqui como a materialidade histórica está em constante relação com a construção do imaginário nas produções discursivas, pois, como bem nos traz Dourado (2005, p. 63): “Ainda que o imaginário resida no âmbito da abstração, ele só se faz visível pela permanente interlocução com o real e com o racional, pois também opera com o simbólico”. Ao tratar de tal conceito e analisá-lo à luz de Pêcheux (1997), chega-se à concepção de que as representações sobre a mulher não emergem do vazio. Elas são construídas a partir de um "já-dito" que circula na sociedade, ou seja, de discursos preexistentes que carregam consigo valores, crenças e estereótipos sobre o feminino. Esses discursos, frequentemente implícitos e naturalizados, constituem o interdiscurso, que influencia a forma como as mulheres são percebidas e representadas.

As formações discursivas são atravessadas por ideologias que buscam naturalizar determinados significados sobre a mulher, apresentando-os como verdades evidentes e inquestionáveis. Essa naturalização contribui para a manutenção de estereótipos e desigualdades de gênero, restringindo as possibilidades de representação e atuação das mulheres na sociedade que contribuem para a produção e circulação de imagens e narrativas sobre a mulher, que podem fortalecer estereótipos quanto desafiar as normas de gênero. A língua é ambígua e com isso, os discursos sobre a mulher podem ser contraditórios, podendo abrir espaço para possíveis transformações.

A análise das representações imaginárias exige um olhar atento para as relações entre os sujeitos no discurso, buscando desvendar as imagens que eles constroem de si mesmos e dos outros. É crucial considerar o papel da ideologia na produção das representações imaginárias.

buscando desconstruir a naturalização dos sentidos e revelar as relações de poder que se manifestam na linguagem. Nas representações de gênero, o machismo ainda é a ideologia dominante. A ideologia machista, quando analisada sob a ótica da Análise do Discurso (AD), revela-se como um sistema complexo de ideias e crenças que naturaliza a superioridade masculina e a subordinação feminina. Sua manifestação nem sempre é explícita e isolada, mas sim através de discursos que circulam na sociedade, moldando as representações de gênero e influenciando as práticas sociais de maneira sutil e, muitas vezes, inconsciente.

Um dos pilares da ideologia machista é a naturalização da desigualdade. Através de discursos que associam as mulheres a papéis sociais específicos, como o de mãe e dona de casa, e que as excluem de espaços públicos e de poder, a desigualdade entre homens e mulheres é apresentada como algo natural e inevitável, ocultando as relações de poder que a sustentam. Essa naturalização se manifesta em expressões cotidianas, em representações midiáticas e em normas sociais que reforçam a ideia de que as mulheres são naturalmente mais emocionais, sensíveis e voltadas para o cuidado com os outros.

A reprodução de estereótipos de gênero é outra forma de manifestação da ideologia machista. Estereótipos como "mulher frágil", "mulher emocional" e "mulher submissa" são utilizados para justificar a dominação masculina e a exclusão das mulheres de determinados espaços e atividades. Esses estereótipos são internalizados e reproduzidos através da linguagem, dos discursos e das representações sociais, moldando a forma como as mulheres são percebidas e como elas se percebem.

A formação discursiva não é estática, ela é passível de mudanças que se relacionam diretamente no imaginário sobre a mulher, podendo gerar transformações sociais. Assim, são contemplados alguns exemplos cotidianos normalizados na sociedade, a saber: Na mídia, a representação da mulher em propagandas de produtos de limpeza, geralmente associada ao ambiente doméstico e à responsabilidade pelos cuidados com a casa, reforça estereótipos de gênero e limita as possibilidades de atuação das mulheres em outros espaços sociais. No ambiente de trabalho, vemos a persistência de discursos que associam a liderança e o sucesso profissional a características masculinas, como assertividade e competitividade, dificulta o acesso das mulheres a cargos de poder e reforça a desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Por fim, na linguagem cotidiana, expressões como "mulher ao volante, perigo constante" ou "lugar de mulher é na cozinha" reproduzem estereótipos de gênero e limitam as possibilidades de atuação das mulheres em diferentes áreas da vida. Destarte, nesta perspectiva

Pêcheux (1997) nos convida a repensar a relação entre linguagem, ideologia e imaginário, oferecendo ferramentas teóricas valiosas para a análise crítica dos discursos sobre a mulher. Quando essas representações se referem às mulheres negras, se manifestam de forma duplamente violenta naturalizada nos imaginários, como explica Lélia Gonzalez (2020, p.76) “[...] o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo”. Dessa forma, esses imaginários perpassam na necessidade de refletir sobre interseccionalidade que considera [...] de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade capacidade, etnia e faixa etária - entre outras- são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente,[...] (Collins; Bilge, 2021, p.16), compreendendo o perfil das estudantes da EJA.

Conclusões

A partir dessas discussões consideramos que as formações discursivas, como conjuntos de regras e normas que determinam o que pode e deve ser dito sobre as mulheres, moldam o imaginário social e influenciam a forma como as mulheres são percebidas e representadas na EJA. Assim, considerar a memória discursiva, como o conjunto de discursos que circulam na sociedade, que influencia a produção de sentidos na EJA, perpetuando estereótipos de gênero e limitando as possibilidades de transformação. A ideologia, como conjunto de crenças e valores que sustentam as relações de poder, permeia os discursos sobre as mulheres na EJA, naturalizando a dominação masculina e a subalternização feminina. Neste sentido é preciso reafirmar o compromisso com a EJA, como espaço de resistência e transformação, pode se tornar um lugar onde as mulheres se empoderam e constroem novas identidades, livres de estereótipos e desigualdades de gênero.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos e gênero; Mulheres na EJA; Análise do discurso

Referências Bibliográficas

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Boitempo Editorial, 2021

DOURADO, R. As formas modernas da mulher brasileira: 1920-1939. 2005. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes & Design da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design. 2005

LOURO, G. **Gênero, Sexualidade e Educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, Françoise; HAK, Tony. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de M. Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 61-105.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano Organizado por Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2020.